

SÃO PAULO DO SÉCULO XIX: A ARQUITETURA RURAL E SUA DIMENSÃO CULTURAL-ANTROPOLÓGICA

NEIDE MARCONDES DE FARIA E MANOEL LELO BELLOTTO
Universidade de São Paulo-USP, Brasil

É preciso acautelar um patrimônio que encerra preciosas contribuições.

O presente estudo demonstra, na São Paulo do século XIX, situações, características morfológicas e aspectos adaptados engenhosamente aos condicionamentos espaciais, climáticos, culturais, econômicos e às influências de agrupamentos alienígenas. Um inventário operacional, feito a partir de estudos sistematizados, pode servir para decisão e medidas de adaptação, reconstrução, restauração e transformação apropriada para garantir a continuidade cultural da região. Preocupados com a displicência que contribuiu para a destruição de parte significativa do patrimônio histórico-cultural de São Paulo, os autores do presente estudo documentam e analisam o programa e o partido arquitetônico de 23 exemplares da região rural centro-oeste paulista. Esta região foi escolhida não só pelo conhecimento prévio da existência efetiva de exemplares arquitetônicos de interesse histórico, como principalmente pela importância que tiveram estes sítios, durante o século XIX, na marcha para a conquista do interior paulista. Paralelamente ao levantamento do material primário existente nestas históricas regiões, foram pesquisados documentos referentes ao material levantado.

Foi realizado o levantamento fotográfico e cada exemplar foi registrado em desenhos, plantas e cortes, para posterior análise e interpretação. O estudo da problemática de um edifício envolve três etapas: o edifício e seus documentos, a forma original e as transformações pelas quais tenha passado com a sua significação no tempo e no espaço. Mesmo no estudo de uma obra da arquitetura rural, deve ser considerado o **programa**, isto é, quais as finalidades

e necessidades de natureza funcional e o partido arquitetônico com: sistemas de construção, época, elementos constitutivos, elementos estruturais, características regionais e particularidades de estilo, comodulação e modenatura.

Foram definidos os padrões tipológicos de construções de trabalho e de moradas:

Moradas de tradição bandeirista

São exemplares térreos, rurais, isolados, apresentando telhado, alguns de 2 águas e, outros, de 4 águas. A planta, quadrangular ou retangular, apresenta o agenciamento da zona de serviço na parte posterior da morada. O alpendre posterior da casa bandeirista é transformado no ciclo canavieiro em varanda, zona de estar, de comer e de trabalho. São moradas térreas, do início do século XIX, pertencentes ao agricultor desejoso de possuir propriedades. É ainda aquele “autêntico caipira”, o paulista isolado que se satisfaz com pouco; o pouco que sabia, conservou por gerações. É herdeiro direto das tradições arquitetônicas do período colonial como, por exemplo, paredes estruturais e de vedação construídas com a técnica taipa-de-mão, também chamada pau-a-pique e/ou sopapo; as telhas de capa-canal estão sobre vigas de cabreúva, em armação de tesoura e o ripamento é de pau-de-coqueiro, chamado *jiçara*, muito em uso na região.

Cabe uma referência específica sobre a técnica taipa-de-mão: tal estrutura é composta de esteios cravados no chão e ligados, entre si, por vigas horizontais inferiores e vigas superiores, formando um sistema rígido de sustentação do telhado. São

fixados paus verticais equidistantes (os paus-a-pique). Pelos lados de fora e dentro, são amarrados cipós, criando-se assim um grande painel, uma grande parede, transfurado, cujos vãos serão preenchidos com barro, este misturado com capim ou crina de animal. O barro é atirado, ao mesmo tempo, pelo lado de dentro e pelo lado de fora, por pessoas diferentes. A parede de taipa deve ser revestida por uma argamassa, com a mesma terra da taipa, misturada com areia e esterco fresco de animal.

O material empregado, assim como o sistema construtivo, tem sua origem intimamente relacionada ao meio regional, sendo dependentes da mão-de-obra local, os *taipeiros*. Os exemplares desse tipo não dispõem de soluções plásticas em seu perfil arquitetônico; são propriedades típicas de tradição bandeirista, de paulistas que plantavam cultura de subsistência e de restrita cultura canavieira. Algumas moradas apresentam a originalidade do lugar>capela, isto é, as pinturas das portas, do nicho, assim como as do forro; tais pinturas desta zona de culto, indicam pinturas produzidas por artistas da chamada *Escola Ituana*, vinculada à cidade de Itu, expressão histórica do interior paulista.

Moradas assobradadas

São moradas principais, de propriedade de grande lavoura canavieira. Estão implantadas em assento de meia encosta, com a fachada principal assobradada e a face posterior –zona de serviço– diretamente apoiada sobre a parte mais elevada do terreno. O pavimento térreo acomodava escravos, animais, e não eram utilizados pela família do proprietário. Esta planta pode ser integrada no fenômeno “torna-viagem”, mineiros que a partir do século XVIII deixaram as Minas Gerais, entraram pelo caminho inverso dos bandeirantes, invadiram o Vale do Paraíba e, depois, as zonas do centro-oeste paulista – zonas produtoras de açúcar. Alguns exemplares apresentam as mesmas características, nos elementos constitutivos e estruturais do programa, daqueles chamados de tradição bandeirista. Muitas vezes, os esteios dos cunhais são de madeira, fixados no chão, na chamada operação *nabo*, o que permite a troca, apenas, da parte junto ao solo, quando deteriorada. Outras moradas apresentam o tijolão como principal material de construção, trabalho artístico nos pilares e friso decorativo na argamassa.

O material de construção e a mão-de-obra são oriundos da própria tradição regional e coerentes com o clima tropical ameno, característica da região.



Morada de tradição bandeirista. Fazenda Santa Rosa, Porto Feliz, Estado de São Paulo

Nota-se a presença de elementos decorativos em madeira nos parapeitos das escadas, nos escuros das janelas e nas bandeiras das portas.

Sobrados do café

São sobrados construídos sobre terreno plano, apresentando os dois pavimentos –térreo e superior– usáveis em toda extensão e o depósito térreo, não ocupado para moradia, com altura, em média, de 1,90m. A casa-grande era o centro de toda a direção da fazenda. Ali residia o proprietário rural, com sua família. O cafezal reuniu as classes sociais, os tipos humanos e raciais; o fazendeiro transformou suas residências rurais em centros de intensa vida social. Valorizou o espaço interno com requintado mobiliário, que continha porcelana francesa, recriando, assim, um esquema de vida urbana, com reuniões e festas.

Três períodos caracterizam a lavoura cafeeira paulista. O primeiro, quando o café entrou em terras de São Paulo e é determinado pela existência do elemento servil. O segundo é a reação contra o desmoroamento do serviço escravocrata, representado pelas correntes imigratórias. O terceiro, é aquele que se assinala com a diminuição do fluxo dos estrangeiros, com o aproveitamento do braço nacional.

O partido arquitetônico escolhido pela sede da fazenda de café, neste centro-oeste paulista, é uma solução mestiça. As construções de trabalho para o plantio, colheita, secagem e moagem da cana foram adaptadas para casa de máquinas de recolhimento e moagem do café, tulhas, celeiros e oficinas. Muitas vezes, uma adaptação da antiga senzala –moradia dos escravos– acomodava o colono italiano. O colono exigiu a mudança no modo de morar; são



Sobrado do café. Fazenda Estrela, Laranjal Paulista, Estado de São Paulo

construídas então casas em alvenaria, que compunham a *colônia*.

A reorganização e a herança da arquitetura dos engenhos revelam-se, também, na organização do espaço interno, na parte superior, com salas sociais, alcovas e quartos de dormir e a varanda-sala de refeições, na parte posterior da casa. A zona de serviço apresenta-se na parte posterior, agenciada em uma das extremidades. Toda a família morava no chamado piso superior –sobrado– piso suspenso do chão, criado com tábuas de forro, colocadas por cima das vigas, criando um segundo pavimento.

Os elementos estruturais apresentam baldrames, esteios, paredes e colunas em material tijolão, com argamassa de revestimento. As telhas, de capa-canal, eram cozidas na olaria da própria fazenda. As soluções plásticas aparecem no elemento ferro. O acabamento e a ornamentação dos detalhes eram para a fachada principal; muitas vezes, em estilo neoclássico, elementos elaborados pelos mestres italianos, transferindo do *palazzo* para o chamado



Casa tipo-urbano. Fazenda Palmeiras, Tietê, Estado de São Paulo

palácio em chão-de-terra. Toda esta complexa ornamentação ocorria em ambiente rural.

O terreiro atijolado, para a secagem do café, encontrava-se à frente do sobrado, instalado assim em espaço diferenciado da zona agrícola.

Uma *aguada*, isto é, uma fonte, um rio, um lago, estava sempre próximo do estabelecimento rural, originalmente para o cultivo da cana e para o uso doméstico; posteriormente remodelada para a nova produção, isto é, a do café.

Casa tipo-urbano do fim do século XIX

Casa rural térrea, com porão, ainda correspondente ao ciclo do café, destacando-se pela transposição dos elementos estruturais, constitutivos e plásticos, do partido das residências urbanas do fim do século XIX. O porão possuía altura de 60 a 70 cms. O tijolo, com argamassa, está presente nos esteios e nas paredes estruturais e de vedação. Muitas vezes, as telhas estão ocultas por banda decorada com frisos, que termina nas laterais em ornamentos escultóricos, em forma de pináculos e vasos. Observa-se, no frontão em arco, a data da construção da morada.

A planta é assimétrica, com três salas que se abrem para o alpendre; na ala esquerda, quartos e, nos fundos, a zona de serviço e banheiros. No centro da casa nota-se a distribuição das alcovas e do escritório. As primeiras venezianas, com réguas largas, surgiram nos dormitórios; as portas de 2 folhas, com almofada, receberam em suas bandeiras o vidro.

O piso é em madeiramento *macho-e-fêmea* e o forro, em tabuado largo, acompanha a inclinação das águas do telhado. São notados ladrilhos de cimento na cozinha e banheiros.

A fachada apresenta multiplicidade, com trabalho artístico em ferro no parapeito e colunas. Muitas moradas já dispõem de energia elétrica e abastecimento hídrico encanado. No seu interior, pinturas originais e decorativas, naturezas mortas e paisagens européias, estão abaixo do friso decorativo. Ressalte-se que esta produção artística, praticamente negava a paisagem rural presente e externa. Destaca-se a presença da artificialidade dos padrões arquitetônicos urbanos, transferidos e adaptados às condições locais, contrariando as tradições regionais. A adoção generalizada dos padrões urbanos e toda a artificialidade da sua organização, evidenciam o aburguesamento e o ecletismo arquitetônico.

Os grandes proprietários desempenhavam funções político-administrativas nas vilas e cidades

próximas; as estradas de ferro permitiam transferências para os grandes centros urbanos. Conservavam as suas moradas rurais para temporadas, formando o binário urbano-rural.

Nota-se a contraposição do sistema e das formas arquitetônicas com a natureza e entorno.

Com base em estudos e análises já publicados por Neide Marcondes e nos índices descritivos acima referidos, foi possível proceder à interpretação dos programas e dos núcleos das propriedades, da organização do espaço externo, das construções secundárias de trabalho, como *colônias*, *casas d'água*, *espigueiros* e *sequeiros*, estes transpostos de Portugal, e *horreos*, herdados da Espanha.

As propriedades rurais do centro-oeste paulista, em sua maioria, foram construídas por *artesãos* e *mestres-de-obras* anônimos. No final do século XIX, os mestres-de-obras estavam atuantes em toda a hierarquia econômica. Eram chamados para construção ou reforma de exemplares urbanos; sua atuação, no entanto, ampliava-se para a dimensão rural, sem que houvesse registro profissional e plantas arquitetônicas previamente aprovadas.

Longe de denominar *arquitetura espontânea*, os edifícios rurais refletem tradições antigas, adaptadas às condições regionais, introduzindo a categoria da chamada *arquitetura vernácula*. Não é simples estabelecer a distinção entre *arquitecto*, *engenheiro*, *construtor* e *mestre* das casas rurais, onde nem mesmo a autoria constitui preocupação em construções deste tipo. O levantamento da literatura, a respeito do assunto, evidencia a preocupação dos pesquisadores sobre a arquitetura denominada vernácula, anônima, por vezes espontânea, indígena, enfim, da chamada *arquitetura sem arquitecto*. Cabe destacar que tais construções derivam, na sua quase totalidade, do chamado *próprio-risco-no-chão*, isto é, sem planta prévia, desenhada.

Uma das formas de desintegração, ou de perda de identidade, ocorre pelo desconhecimento dos traços específicos das expressões culturais. Muitas vezes, a sacralização de períodos e estilos dá origem ao distanciamento e desconhecimento da cultura rural. Os acervos que restaram, nem sempre recebem leitura e interpretação significativa; raramente, grupos sociais e político-administrativos se sensibilizam pelo trabalho acumulado no casario, na colônia, na programação rural de determinada região. Encomendas oficiais são feitas para estudos de edifícios públicos e grandes monumentos; as condições de trabalho do pesquisador são totalmente desconfortantes, com sérios problemas orçamentários, ausência de mapas

cadastrais, desconhecimento, desinteresse e desconfianças regionais.

Um inventário operacional, feito a partir de estudos sistematizados, pode servir para decisões e medidas de adaptação, reconstrução, restauração e transformação, apropriadas para garantir a continuidade cultural da região.

Muitos espaços rurais, com significação histórico-estética, foram destruídos por escavadoras dos especuladores ou urbanizadores. A consciência da perda de valiosas heranças, na maioria das vezes, só é despertada quando já está transformada em lotes, que formarão conjuntos habitacionais, as *garden city* ou os *palace village*.

Trabalhos sobre o estudo do partido arquitetônico rural, do programa rural das propriedades, são encarados de forma distinta no exterior e contam com procedimentos metodológicos sistematizados, análises de formas arquitetônicas das construções secundárias, como *casas-d'água*, *espigueiros*, *sequeiros*, *horreos* e *pombais*, assim como de elementos das cozinhas, *lareiras*, *chaminés* e em outras formas rurais, que, no Brasil, ainda são consideradas irrelevantes, porque não são monumentais.

As freqüentes atitudes de falta de entusiasmo diante dos estudos das construções não monumentais, mas com significação histórica e regional, refletem a herança das disciplinas acadêmicas da história da arte e da arquitetura. Desde o Renascimento, a arquitetura formal tem se limitado a estudos dos edifícios com criadores/gênios individuais, capazes de plasmar suas concepções no papel, mediante a arte do desenho.

O transcender a escala, no caso do objeto arquitetônico do contexto urbano ou rural, fixada às categorias de análise, que permitam entender a resposta de um programa básico de necessidades e perceber a coerência do estudo das formas na problemática concreta de seu tempo e espaço, implica em uma abordagem de estudo ainda não totalmente assimilada no Brasil.

Construção, conservação, destruição e recriação, movimento incessante da história, que se traduz no estudo do patrimônio rural, nos leva a duas instigantes reflexões:

- o sentido do futuro no passado
- o destino do passado no futuro.

É preciso acautelar um patrimônio que encerra preciosas contribuições; povoados, edifícios coerentes e harmoniosos, na maior parte, estão sendo remodelados, sem nenhum critério e nenhuma sensibilidade.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias

Documentos manuscritos – Arquivo do Estado de São Paulo
 Ofícios Diversos - Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba – Estado de São Paulo
 Documentos Diversos – Cartório do 1º Ofício de Tietê – Estado de São Paulo
 Documentos de Compra e Venda - Acervo dos Proprietários

Bibliografia

BONTA, Juan Pablo: *Sistemas de significación en arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
 CORONA & LEMOS: *Diccionario da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
 COSTA, Lúcio: *Classificação de construção civil*. São Paulo: FAU-USP, s/d.
 FEDUCHI, Luis: *Itinerarios de la arquitectura popular española*. Barcelona: H.Blume, 1974.
 GARCÍA MERCADAL, Fernando: *La casa popular en España*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
 GUIDONI, Enrico: *L'architettura popolare italiana*. Roma: Laterza, 1980.
 KATINSKY, Julio Roberto: *Casas bandeiristas, nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo*. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1975.
 LEMOS, Carlos A.C.: *Cozinhas, etc*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
 MARCONDES MARTINS, Neide: *O partido arquitetônico rural no século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal*

Paulista). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MARCONDES MARTINS, Neide: *Arquitetura rural e contexto histórico-cultural. Piracicaba-SP*, São Paulo: IMS, 1983.

MARCONDES, Neide: *Entre Ville e fazendas*. São Paulo: Arte & Cultura, 1995.

MARCONDES & BELLOTTO (orgs.): “Imagem e transfiguração: de alpendres e telhados, a Teresa de Jesus e a João, da Cruz”. In: *Labirintos e Nós: imagem ibérica em terras da América*. São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial, 1999.

MARCONDES & BELLOTTO (orgs.): “De aquedutos a fontes: água / forma / atração / uso”. In: *Turbulência cultural em cenários de transição. O século XIX iberoamericano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

OLIVIER, Paul: *Cobijo y sociedad*. Madrid: H.Blume Editorial, 1970.

PATERLINI de KOCH, Olga: *Pueblos azucareros de Tucumán*. Tucumán: UNT, 1987.

POSENATO, Julio: *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação Giovanni Agnelli, 1983.

REIS FILHO, Nestor Goulart: *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SAIA, Luis: *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

TOLEDO, Benedito Lima de: *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

VARINE-BOHAN, Hüghes: *A experiência internacional. Patrimônio cultural*. São Paulo: FAU-USP, 1974.

ZEVI, Bruno Benedetto: *Saper vedere l'architettura*. Torino: Biriandi, 1949.